

Os ecos do futuro chegaram querendo saber o que seria das cidades agora, em busca de uma economia justa, resgatando dimensões das políticas sociais como locomotiva para o desenvolvimento, em que a alma das cidades não seja o envoltório arquitetônico, encontrando o equilíbrio entre o urbano e o ambiental, rompendo desigualdades sócio-territoriais, com tomada de posição clara, para projetar esse futuro e resgatar a Feliz Cidade com o Bem Viver, refletindo o Brasil em Paraty 2014, entre os dias 24 e 27 de abril.

Sob noite de forte chuva, o evento teve um jantar de abertura, na quinta (24), no Margarida Café - Centro Histórico de Paraty onde, após Isis de Palma (educadora) e Oriana White (psicóloga e pesquisadora) darem as boas vindas aos convidados e apresentarem os músicos Rhandal e Jerome (jazz brasileiro instrumental), foi exibido o vídeo "Alimentação e vida saudável nas cidades - Gastronomia Sustentável, experiência de Paraty", com o depoimento de Teresa Corção, da Rede de Eco Chefs do Rio de Janeiro. E na sexta (25) fez-se sol, abundantemente, refletindo seus raios nos espelhos d'água de toda a Paraty, adentrando na Casa da Cultura, aquecendo o primeiro e os demais dias de debates com a participação dos pensadores brasileiros e do sociólogo italiano Domenico de Masi (via tele palestra, direto de Roma).

É proibido

Pablo Neruda

É proibido chorar sem aprender,
 Levantar-se um dia sem saber o que fazer
 Ter medo de suas lembranças.
 É proibido não rir dos problemas
 Não lutar pelo que se quer,
 Abandonar tudo por medo,
 Não transformar sonhos em realidade.
 É proibido não demonstrar amor
 Fazer com que alguém pague por tuas
 dúvidas e mau-humor.
 É proibido deixar os amigos
 Não tentar compreender o que viveram
 juntos
 Chamá-los somente quando necessita deles.
 É proibido não ser você mesmo diante das
 pessoas,
 Fingir que elas não te importam,
 Ser gentil só para que se lembrem de você,
 Esquecer aqueles que gostam de você.
 É proibido não fazer as coisas por si
 mesmo,
 Não crer em Deus e fazer seu destino,
 Ter medo da vida e de seus compromissos,
 Não viver cada dia como se fosse um
 último suspiro.
 É proibido sentir saudades de alguém sem
 se alegrar,
 Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque
 seus caminhos se desconstruíram,
 Esquecer seu passado e pagá-lo com seu
 presente.
 É proibido não tentar compreender as
 pessoas,
 Pensar que as vidas deles valem mais que a
 sua,
 Não saber que cada um tem seu caminho e
 sua sorte.
 É proibido não criar sua história,
 Deixar de dar graças a Deus por sua vida,
 Não ter um momento para quem necessita
 de você,
 Não compreender que o que a vida te dá,
 também te tira.
 É proibido não buscar a (felicidade) Feliz
 Cidade,
 Não viver sua vida com uma atitude
 positiva,
 Não pensar que podemos ser melhores,
 Não sentir que sem você este mundo não
 seria igual.

Realização



Participação



Patrocínio





Refletir Brasil, 2014—Bem Viver

o resgate da feliz cidade



Sexta 25/04/2014

Manhã - Canteiro 1: Ética e Estética nas Cidades

Para o mediador **Thomaz**



Assumpção (engenheiro, especialista em desenvolvimento urbano) devemos

pensar as cidades de forma sustentável no ciclo do desenvolvimento, já que o resgate da Feliz Cidade é uma busca constante por qualidade de vida, impactada por vetores que nos impulsionam numa direção, com uma globalização da economia e conectividade imediata, que se manifesta na nossa maneira de viver... E o modelo precisa ser revisto, num tempo em que se constrói o avião voando, ou seja, precisa-se de um novo modelo, que não está disponível, opinou.

Comentou que não só os intelectuais são responsáveis por produzirem um novo modelo, mas a sociedade também tem que lutar por aquilo que é direito de viver numa cidade contemporânea, com qualidade de vida, mobilidade urbana que facilite o ir e vir cotidiano e que os problemas locais devem nortear as comunidades locais a se esforçarem por esta Feliz Cidade, saindo da passividade, à espera de que os governos (nos três níveis) resolvam as questões que afetam diretamente a nossa maneira de viver, a nossa qualidade de vida. Disse ainda que nem catastrofismo, nem otimismo exacerbado, e que "...a média dos diversos olhares que o Brasil tem sobre o futuro e sobre nossa economia, é positiva." Mas, que o Brasil deve usufruir, de forma mais madura, da posição estratégica que tem hoje no mundo", para não ser ultrapassado numa competitividade globalizada em que está inserido, observou.

Ladislau Dowbor (economista)



falou que há 20 anos, 80% dos municípios brasileiros estavam com baixo IDH e que

em 2010 apenas 32% estavam nesse nível, o que derruba a ideia do catastrofismo que existe no país (está mais ligado a interesses ideológicos e à proximidade das eleições), com a interiorização do desenvolvimento, a população ganhou uma média de nove anos de expectativa de vida. "Precisamos agora avançar no aumento da renda; os países que avançaram, primeiro dividiram o bolo, antes do crescimento" No Brasil hoje, 85% da população é urbana e

mudou-se o eixo do desenvolvimento para o social; a articulação da economia socialmente justa está ancorada nos espaços locais e é necessário maior empenho pelo crescimento do PIB (Felicidade Interna Bruta). Citou o exemplo de Piraiá, que generalizou o acesso online, alavancando os negócios locais, como a exportação de tilápia para o Japão e aumentando a qualidade de vida dos seus habitantes.

Para ele, o problema da humanidade não é riqueza, mas onde está a riqueza. Cerca de 70 trilhões de dólares em bens e serviços que, se dividida, daria em média 7 mil reais para cada família com

quatro pessoas. É preciso analisar a raiz da propriedade, já que o essencial dos lucros não é feito por quem produz, quem contribui para a riqueza social, mas por quem cobra pedágios, através de cartéis e de diversos sistemas de intermediação, como: as taxas de juros de 238% no Brasil praticadas por grupos privados em cima dos cartões, quando nos EUA se protesta por cobrarem 16%; a 'financeirização' geral, a transferência através da taxa Selic de 150 bilhões de reais por ano para os bancos, sem que tenham produzido nada, numa verdadeira apropriação indébita. "Temos que

remunerar realmente quem contribui para criar riquezas e não quem cobra pedágios sobre as atividades econômicas e redistribuir recursos para quem mais necessita".

Dowbor disse, por fim, que a felicidade da base da sociedade está relacionada à renda e que esta realmente aumentou para esse segmento social, através dos diversos programas, o que representa uma dinamização na economia local e regional.

Nabil Bonduki (arquiteto e urbanista) disse



que o processo de urbanização no mundo é inevitável e que as conexões são próprias da vida urbana,

um processo difícil de ser acompanhado e planejado e que para termos uma Cidade Feliz é preciso desconstruir a hiper concentração nas grandes cidades, equilibrar as dimensões entre o imobiliário (super valorizado) e o social, uma vez que a disputa pela terra trava o acesso às outras dimensões socioambientais e culturais, gerando a exclusão.

A crescentou que há descon sideração em relação à crença da intervenção da lei, ou seja, que ações geradas por políticas públicas geram resultados. Falou que o processo de ocupação horizontal, invadindo o meio ambiente precisa ser contido, pois hoje há grande especulação imobiliária, transformando área de baixo custo em super valorizada, adensando áreas que

precisam ser conservadas e vice-versa. Para ele é preciso remunerar áreas que nos prestam serviço ambiental para não deixar o imobiliário controlar a cidade, regular o imobiliário em função do interesse público, romper desigualdade sócio-territorial, distribuir equitativamente o espaço público, dando função social à propriedade, combatendo a ociosidade desta; e a dimensão cultural é a alma da cidade.

Bonduki acredita que é necessário colocar os aspectos sociais, ambientais, culturais em primeiro plano na definição das políticas públicas, obviamente sem desconsiderar o imobiliário e o econômico que são fundamentais para gerar emprego e espaços habitáveis para a população, mas contrabalançados e equilibrados com aqueles que, geralmente, ficam em segundo plano, ou afastados dos interesses econômicos. Falou que é comum a população de baixa renda não encontrar espaço nas cidades, ocupando as áreas mais frágeis, pior situadas, sem equipamentos ou infraestrutura, o que não trará felicidade e bem-estar. Observou que temos que proteger as populações mais vulneráveis, bem como as áreas ambientais, para que o valor de troca das terras não prevaleça sobre os demais valores, gerando uma cidade infeliz, sem bem viver. "A visão imediatista, segmentada e autoritária da política pública é o grande obstáculo para uma cidade feliz," afirmou.

Bonduki disse, por fim, que não devemos ter uma visão catastrofista, pois avançamos muito em mecanismos de participação social, de planejamento, em certos indicadores sociais mas, observou, as dinâmicas das cidades também podem levar a perspectivas negativas, devido à associação dos mercados fundiário, imobiliário e financeiro..." Avançamos no acesso a bens, mas o território das cidades tem sido um elemento de exclusão".

Domenico de Masi (via internet)



Comentou sobre o seu livro "O futuro chegou" e perguntou por que o mundo parou de projetar o futuro. Se não projetarmos o nosso futuro, outros o farão e serão contra nós, pois estamos num confronto de extremos, em que se exige tomada de posição clara para não imperar o medo. Disse que as sociedades que existiram antes de nós constituíram-se pós-urbanização, com base e m projetos teóricos, transformados em ações práticas e a nossa nasceu sem planejamento. Hoje

queremos criar algo novo, fazer uma revolução na base da cooperação e que textos vocês têm? Perguntou.

Falou que os grandes chefes de estado, Obama, Putin, Dilma, etc, não têm como base filósofos, sociólogos, intelectuais, não fazem a lição de casa, como o marinheiro que não sabe para onde quer ir e aproveita qualquer vento para qualquer lado, numa citação a Sêneca; falou que o Papa Francisco é o único chefe de estado que tem um modelo (de mais de 2 mil anos, que não funciona), é evoluído em relação aos outros, mas a Igreja não, e que é mais comunicador do que realizador.

Comentou um livro de Sérgio Buarque de Holanda que fala da colonização sul americana pelos espanhóis com uma só planta, de pavimentos, ao contrário dos portugueses que não tinham projeto e queriam voltar para a matriz, enriquecidos.

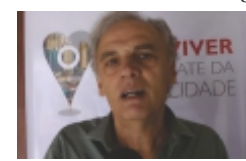
Disse que no pós-industrial, não podemos ir para frente sem um modelo (cuja responsabilidade de criação não é dos políticos, mas dos intelectuais) e, para isso, é preciso analisar em outros modelos o que deve ser salvo e o que deve ser abandonado. Citou os diversos modelos analisados por ele e disse que o que sobra é o modelo brasileiro. E por que o Brasil? Para ele é o que contém mais elementos positivos do que os outros, especialmente a miscigenação dos brasileiros. Citou Niemeyer, Darcy Ribeiro como intérpretes desta diversidade brasileira. Falou que é preciso transformar as cidades e que nós encontraremos os caminhos.

Respondeu perguntas dos participantes, pontuando temas em suas respostas:

- Em relação à visão do não planejamento de cidades pelos portugueses, contestada por Bonduki, disse que a questão é que os portugueses que vieram eram quase todos homens, sem suas famílias (ao contrário dos espanhóis) que causaram impactos negativos, mas também positivos, como o estímulo à ocupação da costa do Atlântico pelos brasileiros;

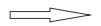
- Em relação a se pensar o futuro do ponto de vista do cidadão e das organizações locais, questionado por Délcio Rodrigues, disse que, como nos EUA, as manifestações no Brasil, articuladas pela internet foram importantes, mas não suficientes e que encontros como esse de Paraty são fundamentais.

Délcio Rodrigues (físico,



especialista em energia e sustentabilidade) comentou as falas do Canteiro 1.

Falou do inventário da emissão de gases de efeito estufa em São Paulo,



Publicação Editoração e Comunicação
CNPJ 13701141/0001-83
INSC. MUNIC. 43168
Jornalista responsável
Carlos Del - Reg. MTB RJ 15.173
Dir. Domingos M. Oliveira

Transcrições - Edmar R. de Moura
Tiragem: 2.000 exemplares.
Tel 24 33719082 / 99721228
flitoral@paraty.com

da diminuição do uso do etanol (2007/2009), com aumento da emissão de CO₂; do maior uso de termelétricas em épocas de seca, afirmando que na estrutura de poder, as prefeituras não têm autonomia para mexer nas questões de emissão de gases, cuja regulação se dá na esfera federal. Esta, mais preocupada com inflação, aumento do PIB etc, gera leis que impactam as cidades, que não têm como responder. E perguntou: que desenvolvimento queremos e como fazê-lo?

Disse que energia hoje é vital para o funcionamento da nossa vida, mas existe no mundo cerca de 2 bilhões de pessoas sem qualquer tipo de energia, então é preciso aumentar a oferta. Acrescentou que a energia nuclear não é tão pura assim, como muitos defendem, já que a fabricação dos elementos que vão gerar a energia nuclear acaba produzindo gases de efeito estufa também; que a área nuclear é bastante vinculada ao desenvolvimento militar, apresenta riscos de segurança muito complexos, como os acidentes que conhecemos, e traz um aumento do custo da energia.

“Então, o futuro passa por uso eficiente de energia e geração de eletricidade, a partir de energia eólica e solar (ambas crescem hoje no mundo). Assim, temos alternativas, então vamos ter que investir cada vez mais em qualidade e eficiência”, observou. De acordo com os seus argumentos, a energia nuclear não contribui para uma Feliz Cidade.

Canteiro 2: Viver Paraty - Um caso de construção de personalidade - Porque Paraty se tornou modelo de turismo cultural, destino de charme.

Lia Capovilla apresentou vídeo documentário sobre as festas de Paraty, com depoimento de Marina de Mello e Souza. **Falou** da importância das articulações e do diálogo, como alternativa para a participação e ocupação dos espaços públicos, reconquistando o pertencimento, mas, para isso sugeriu o sair da rotina de ver TV, votar, ir para o trabalho ou para escola e evitar um círculo vicioso improdutivo.

Logo após, o navegador **Amyr Klink**, fez um relato poético, pontuando suas viagens e aventuras à Antártida ou em volta ao mundo nos seus Paratii's (I e II), solitário, em família ou entre amigos e o sempre retorno ao ponto de partida: Paraty.

Disse que conquistou o direito de ser de Paraty, já que vem de São Paulo, bem como o direito de “ser irresponsável”, ou seja, de fazer o que quer, há 27 anos, realizando permanentes viagens para a Antártida ou em volta ao mundo, momento em que descobre soluções, além de fazer palestras. “Nossa obra é feita daquilo que não fizemos”, disse.

Afirmou detestar automóveis,

“máquina destituída de bom senso”, que Paraty é um ponto de conexão entre o interior do país e o além-mar. Para falar da construção da personalidade de Paraty, comparou a cidade com um barco (que na Antártida é uma cidade) com todas as suas complexidades que precisam de soluções precisas. Falou de sua viagem com cinco crianças a bordo, com as quais apurou a sensibilidade da paciência e da percepção do perigo; falou das canoas dos caiçaras paratienses, com quem apurou a técnica de construção de barcos estáveis para águas turbulentas; comentou o seu empreendedorismo na área náutica e no segmento de palestras que passou a se dedicar, em função das suas viagens.

Disse que em Paraty “a gente tem um privilégio extraordinário” e precisa viver o exercício de tentar recuperar a vocação original da cidade, o mar, para não perder a alma. Para ele, tem cidades que estão na hora de encolher e que discorda da tese do adensamento. Acha que está na hora de Paraty ter um cais flutuante.

Para o resgate da Feliz Cidade, Amir Klynk diz que o “que não devemos fazer” é permitir os excessos, o exagero, fazer sem planejar. Neste sentido ele diz que, olhando um pouco para a história, Paraty errou pouco e que o “não feito tem muito valor” na cidade, afirmando que só temos que encontrar o que fazer ali para permitir que tudo o que foi feito até aqui se perpetue e torne as pessoas mais felizes e o lugar mais interessante para as pessoas que o visitarão. Criticou a falha do poder público em permitir o atracamento de grandes embarcações na cidade, o que tem provocado uma “depredação” das atividades com pequenas embarcações em Paraty.

Para ele uma das formas de exercer a felicidade é navegar, por isso acha que Paraty não pode se desconectar da sua tradição original que é a sua conexão com o mar, em tudo.

Sábado 26/04/2014

Canteiro 3 - Rupturas e Responsabilidades

O que precisamos ter para uma Feliz Cidade? Que rupturas são necessárias? Qual a nossa responsabilidade? Quais são os desafios? Que impactos ambientais e sociais se darão? Com estes questionamentos, Isis de Palma, coordenadora do evento RB, abriu o segundo dia do encontro.

Nas reflexões, revelaram-se a presença de dolorosos paradigmas civilizatórios atual e ancestral, pela pluralidade mestiça e por pensamentos libertadores que envolvem riscos; contrapontos, resumo denso e contraditório, enorme intolerância de desenvolvimento, em que ao mesmo tempo uma instituição como a USP, ou ferramenta tecnológica como o Facebook com todo o seu legado, provoca a ruptura de controle, mas também a de libertação; Os jovens, com o seu Movimento Nacional Levante da Juventude põem em cheque

o institucional tradicional, conservador, propondo mudanças radicais para o país.

Para **Ricardo Jimenez** o Bem



<http://youtu.be/tqdwseX63hl>

Viver é um paradigma civilizatório atual e ancestral e tem elementos e práticas históricas do povo andino. Observou ser difícil investigar essa questão, devido à dupla característica, à vocação histórica mestiça e plural que envolve riscos, por ser um pensamento libertador.

“A humanidade, no início do século XXI terá a grande oportunidade de fazer uma ruptura com o desencontro que significou a aproximação da cultura europeia, conquistadora, com os povos originários da América Latina, os povos andinos. Foi um choque, onde uma cultura se impôs sobre a outra e se perdeu uma parte de um grande tesouro, um grande legado destas culturas originárias que, felizmente, alguns povos souberam mantê-las vivas, e hoje, são patrimônios da humanidade. (...) “O Refletir Brasil é um resgate, é um presente daquela memória, daquele legado ancestral. E creio que isto representa a grande oportunidade para toda a humanidade, que possamos reencontrar-nos e, talvez, horizontalmente, trocando, nos enriquecendo mutuamente, como deveria ter sido. Hoje temos essa oportunidade e dificuldades de reconhecermos-nos em nossas diferenças e temos a grande tarefa de superar essas dificuldades”, comentou.

A cultura ocidental, com todas as injustiças e os crimes, que devemos denunciar e refletir a respeito, contudo, temos que reconhecer também a sua contribuição que é parte da nossa cultura atual. De forma que precisamos fazer certas reflexões, reivindicar o legado dos povos originários e o melhor da cultura ocidental eurocêntrica e avançar no século 21 como uma comunidade de destino. “Creio que temos tudo para sê-lo, para vencer toda a grande dificuldade que isso implica.”

A cultura ocidental, com todas as injustiças e os crimes, que devemos denunciar e refletir a respeito, também deu a sua contribuição, que é parte da nossa cultura. Precisamos fazer certas reflexões, reivindicar o legado dos povos originários e o melhor da cultura ocidental eurocêntrica e avançar no século 21, como uma comunidade de destino. “Creio que temos tudo para sê-lo, e vencer toda a grande dificuldade que isso implica”, finalizou.

Gilson Schwartz disse que a



http://youtu.be/66_ShS7VgBM

ruptura exige contraponto, um resumo mais denso e contraditório, a exemplo da USP, instituição em que trabalha. Observou que está inserido em um processo público matadouro de ideias (a universidade pública), que também proporciona a possibilidade de experimentação do desconhecido e de

propor mergulhos no ineditismo em busca de transformações.

Schwartz disse que quando se fala em instituição, vem sempre para o primeiro plano a continuidade, o legado, a história, a memória, a acumulação de sentido de significado, de direitos e obrigações, sempre algo pesado, como a instituição USP, em que é professor, perguntou-se se é possível uma ruptura no contexto de uma instituição. Por ser uma instituição universitária, onde a pesquisa o conhecimento e a tecnologia são tão importantes, a universidade tem que se transformar, apesar de toda essa tradição do pensamento, do conhecimento e da pesquisa que se defronta com um mundo onde a tecnologia está desintegrando muitas das instituições, a internet, por exemplo, tem criado situações inéditas.

Então, pergunta, como fazer essa ruptura tecnológica e, ao mesmo tempo, preservar a memória institucional. Dessa forma entende que numa instituição como a USP, deve haver uma ruptura com responsabilidade, com felicidade. “Se a ruptura for feita com felicidade, com harmonia, com entendimento, com o resgate, inclusive, de coisas muito antigas, essa responsabilidade se torna prazerosa e faz parte de uma construção positiva para um mundo melhor”, concluiu.

Thiago Ferreira - Inicialmente,



<http://youtu.be/n6EvQeAgn3g>

falou do Levante Popular da Juventude (do qual é representante), uma agremiação de jovens das cidades e do campo (onde é patente a falta de escolas). Lamentou o que chamou de genocídio da juventude negra, provocado pelas forças policiais nas periferias, criticou os ideais consumistas da década de 90, explicando que o objetivo principal deste movimento é a construção de um projeto de país “somos coletivos”, ressaltando que paradigmas importantes para o bem viver são o socialismo e o comunismo.

Disse ainda que temos que mudar o sistema político, abrindo caminhos e possibilidades para os sonhos, em que mulheres não sejam violentadas e jovens assassinados, abolindo a impunidade, citando como exemplo a Venezuela com os plebiscitos e consultas populares.

Sintetizando seu pensamento observou que é preciso incentivar as gerações de jovens hoje a se organizar, discutir ideias e um projeto de país. Então, a organização (Levante Popular da Juventude) é, acima de tudo, uma necessidade do nosso tempo. Viemos de um processo da ditadura militar que estreitou os espaços democráticos de forma brutal e autoritária e construímos um processo de transição que não logrou ampliar esses espaços. O desafio da nossa geração, da juventude brasileira, das organizações, do Refletir Brasil, acredito, é ampliar tais espaços... que só é possível com uma revisão da Constituição, a elaboração de uma nova Constituinte do sistema político, através, ➡

da participação do povo, por meio da ferramenta do plebiscito popular. Salientou.

Para construir um plebiscito popular, disse que estão em processo e que uma grande ação será realizada de 1 a 7 de setembro deste ano em todo o país, consultando o povo brasileiro: se queremos construir uma Constituinte exclusiva e soberana do sistema político, que amplie os espaços de participação política no país.

Falou ainda que existem duas questões centrais nesse processo da Constituinte: 1. Garantir a representação do povo brasileiro. Hoje mais da metade dos mais de 500 parlamentares do Congresso brasileiro representam empresas e são empresários. É preciso garantir a representação da mulher, do negro, do indígena, do quilombola, do jovem nos espaços de poder; 2. A outra grande questão é garantir que o financiamento da campanha seja exclusivamente público. Garantir o financiamento público da campanha para que o povo tenha condições de cobrar e reivindicar os seus direitos.

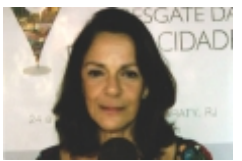
Isis de Palma observou que precisamos pensar em um encontro da juventude paratiense, dar um passo à frente,



construir a nossa história, nesse ano difícil (eleições, copa). Falou que existem boas políticas públicas, mas as informações sobre essas rupturas não são divulgadas pela grande imprensa;

É preciso construir uma Declaração Universal das Responsabilidades Humanas como um terceiro pilar da humanidade para alavancar os direitos humanos, ao lado da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Carta das Nações Unidas. A Declaração dos Direitos Humanos é o documento mais importante do século XX, mas os direitos humanos continuam sendo desrespeitados em quase todos os países do mundo. Pouco se fala nesse tema. De quem é a responsabilidade quando o nível das águas dos oceanos, que está subindo a cada ano, invadir Bangladesh um dos países mais pobres do mundo? Certamente não é do povo de lá, os países emissores precisam assumir as suas responsabilidades e não há lei internacional para isso. É preciso que a ONU acolha a necessidade de se criar uma Declaração Universal das Responsabilidades Humanas.

Mirian Duailibi - Acha que a principal ruptura a ser feita é com a cultura do individualismo que foi impressa



na sua geração, no mundo pós-moderno, principalmente a partir da década de 80, embora seja um movimento oriundo da década de 50, período em que foi “vendida” para todo o mundo ocidental a questão do individualismo como a única fonte de felicidade, cultura essa que se entranhou

e se enraizou especialmente nas gerações mais jovens, muito fortemente no Brasil, a partir da década de 80.

Para ela, felizmente, e por conta do advento da internet, hoje já existe um movimento que mostra outras realidades, a informação é muito rápida e é possível o acesso às informações que não venham da grande mídia que está sempre a serviço dos grandes modelos hegemônicos econômicos. A internet tem mostrado outras formas de viver, outros modelos, que outro mundo é possível e, embora existam muitos jovens vivendo no velho modelo, com a cultura do consumo, há milhões de jovens, no mundo, pensando e agindo de outra forma. “Estou falando só em jovens, porque são eles que vão levar isso daqui para a frente”. Desse modo, acredita que o que tem a ser feito é disseminar ao máximo possível essa visão de que um outro mundo é possível, mais justo, sustentável, equitativo, em que a gente viva bem, com alegria e felicidade, em comunidade, com o senso do coletivo, sem destruir a natureza, sem explorar o próximo.

Para Miriam Dualibi, essa nova postura, essa nova maneira de ser no mundo é possível, e já está acontecendo (...) “a gente já consegue ouvir a sua voz”, mas ainda é uma luta, uma disputa de classes, de poderes, econômica e temos que fazê-la, pois é conflituosa e exige que saíamos para as ruas, para urnas, participar dos conselhos, dos vários instrumentos de participação popular que existem no Brasil, sair da zona de conforto. “Quem faz e promove as mudanças é a sociedade. As empresas atendem às regulações que os governos fazem e os governos atendem ao pleito que vem das ruas. Então, nós é que precisamos nos organizar para fazer com que nossa Constituição, nossa legislação (que são boas e avançadas) sejam realmente cumpridas. Não é fácil, mas é um processo, que já está a caminho e precisamos fazer com ele ande mais rápido”, concluiu.

Canteiro 4 - Produção e Consumo para o Bem Viver

O presente canteiro teve por objetivo colocar diferentes setores dialogando sobre o significado de uma feliz cidade com foco nas variáveis de produção e consumo. Para tanto considerou 4 grandes setores: uma grande empresa brasileira da área de beleza e higiene - NATURA - através de sua diretoria Maria Paula Fonseca; uma escola de renome internacional de design - IED: Instituto Europeu de Design, com a presença de seu Diretor Victor Megido; uma grande empresa binacional de energia - ITAIPÚ - representada por seu diretor Nilton Friedrich; e um reconhecido cineasta brasileiro - Maurice Capovilla falando sobre a INDÚSTRIA CULTURAL BRASILEIRA.

Este canteiro foi mediado por Oriana Monarca White, coordenadora do evento RB.

Maria Paula Fonseca (Natura) -



Contou a história de sua relação com a empresa, na qual trabalha há 19 anos. Disse que se

identificou com a área de Desenvolvimento de Produtos, que tem menos de marketing do que de inovação: onde desenvolveu o Natura 'Ekos', 'Amor América', e 'Sou'.

Explicou que todos que lá trabalham têm uma relação emocional, pois a Natura não se conforma em ser só um a empresa, mas quer ter um papel atuante na sociedade, com pontos de vista, reflexões, discussões profundas, uma vez que não quer estar a serviço do mercado, mas da sociedade.

Falou que a razão de ser da empresa é o ‘bem estar bem’ (o que faz uma ligação com o Bem Viver proposto pelo evento) - a relação harmoniosa do indivíduo consigo mesmo e dele com o mundo, com os outros - e que essa razão de ser parte de uma crença fundamental, da interdependência de tudo, da interconexão, pois nada existe por si só em contraponto ao mundo fragmentado em que vivemos, tendo como desafio diário promover essa idéia. Sendo assim, os conceitos das marcas são criados a partir desta crença, procurando trazer em cada produto um ponto de vista sobre determinado assunto, como por exemplo, a beleza da mulher com o passar do tempo; a relação de mãe e filho(a), essencial, o que se pensa sobre isto e como isto se traduz neste produto.

Quando, a partir de 1998, a empresa decidiu trabalhar com a biodiversidade brasileira, em que ninguém falava disso, entenderam que os ingredientes não poderiam ser escolhidos aleatoriamente, mas aliados ao conhecimento tradicional das comunidades ribeirinhas, que vivem com a natureza, em grande parte da Amazônia, trabalhando com o conceito da sustentabilidade. Disse que tudo “é muito bonito”, mas não é tão romântico fazer o diferente, contactar essas comunidades, ouvir críticas de ong's, etc. Mas, o que é o certo, afinal? Para ela o Ekos, com a valorização da cultura e da biodiversidade, tecnologia verde e responsabilidade socioambiental transformou a Natura.

Quando foi lançada essa linha, a empresa não vendia, porque a consultora não entendia a proposta de valores, então tiveram que fazer um trabalho via consumidor (cumplicidade), publicidade, para contar essa história e fazer um treinamento com ela, processo que durou dois anos para o Ekos se firmar no mercado, com a compreensão do seu valor.

Desta época tirou o estímulo e a lição de que o que quer que se faça, tem que fazer a diferença, ressaltando que, naquele momento (2000), a linha Ekos trouxe para a mesa de consumo o tema da sustentabilidade, colocou isso na mídia com erros, acertos e dúvidas, mas colocou.

Acrescentou que de uns anos para cá vêm pensando em propor algo diferente daqui para a frente, então a

empresa lançou a linha 'Sou', cujo frasco invertido vira “nós”, propondo ao consumidor pensar no seu consumo, o consumo consciente, um produto eco-concebido, mais barato e mais acessível, mas com um conceito questionador sobre a quantidade de produtos a ser consumido, para se entender que não se precisa de tudo o tempo todo. “É preciso menos sapatos e mais caminhada a pé”, trazendo o imaterial para o consumo, num conceito de bem viver, cada um com suas respostas ajudando a pensar num estilo de vida contemporâneo para o bem viver, unindo ética e estética no dia-a-dia. Como uma empresa grande, com uma reputação construída ao longo de 45 anos, tentando manter uma coerência irá experimentar o novo? Como poderá errar? Porque não pode se dar mais o direito de errar, mas, aí, perde-se a inovação, se está numa nova era, os valores antigos não dão mais conta de responder, então é preciso entender o que é esse novo, arriscar, e vai errar, e a grande empresa não pode perder esse espaço. Para ela essa é a grande questão do momento, concluiu.

Oriana White Lembrando do seu

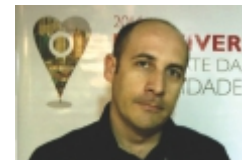


universo de pesquisas sociais, comentou que existe uma confusão conceitual

entre o significado dos termos: consumo e consumismo. O primeiro faz parte integrante do nosso viver cotidiano desde as nossas primeiras horas de existência: vitaminas, médicos, berço, livros, escolinhas, roupas, alimentos, e todos os objetos que nos rodeiam ao longo dos anos, fazem parte do cenário de nossas vidas e representam como nós a queremos viver, com quais artefatos nos sentimos cômodos e quais nos ajudam a projetar nossa imagem e estilo de vida.

O consumismo, por outro lado, reflete um comportamento doentio, onde o objeto tende a ser consumido de forma compulsiva, impensada, na maioria das vezes, destituído de funcionalidade real, apenas sendo adquirido para representar alguma imagem não verdadeira de quem efetivamente somos.

Victor Megido (IED) - Falou que



uma faculdade como o IED tem a obrigação de educar seus futuros designers a

trabalhar com ética e estética, já que no seu entender não é mais possível oferecer propostas de produtos e soluções sem estética, uma vez que a tecnologia permite essa possibilidade; e a ética porque é necessário tornar palpável esse conceito, ou seja, modelos de marketing, de vendas sustentáveis, com um design que calcule o impacto social, além do ambiental como algo que não crie disfunções psicológicas e mentais nos futuros consumidores, um design

que replaneje, repense toda a cadeia do negócio.

Para Megido, a ética e a estética podem contribuir com soluções práticas com experiências como a do Acre, na qual conseguiram concretizar em uma semana um trabalho de equipe do IED com um grupo de artesãos locais, em que foi passada uma metodologia, recuperando o que já existia de riqueza nesses artesãos, dentro de si. Eles conseguiram desenvolver nesse espaço de tempo uma coleção de calçados de látex, que foi levada para o Espaço Brasil S.A. em Milão. Desta forma, Megido acredita que é uma questão de tempo com intensa dedicação, com uma ideia clara de projeto, com planejamento em todo o processo, para que dê certo, observando que estes artesãos já têm boa parte de suas ideias concretizadas no mercado, concluindo que esse é um caso real de aplicação de design, de estética e de ética, vendendo uma experiência de Brasil com excelência na qualidade desses calçados.

Maurice Capovilla Fez um relato da sua história com o cinema. Disse que o cinema nasce do início da arte, falando de uma gruta na França, em que foram pintados



<http://youtu.be/S-Cw96Su0BY>

animais em movimento fugindo do Homem. Nesse momento, para ele, o Homem inventou seu espelho, deixando o enigma da necessidade de se ver (uma maneira de existir). Falou que o cinema para existir tem que incorporar todas as artes, como um núcleo anônimo em que todas elas se integram, hoje ressentindo-se das novas tecnologias que estão ultrapassando-o, mas, como a interpretação de Fernando Birri sobre a utopia que serve para caminhar, disse que o cinema tem que encontrar novas linguagens para continuar existindo.

Contou que até 56/57 não havia escolas de cinema na América Latina e que o documentário não tinha profundidade. E isto começou a acontecer em uma experiência na Argentina, em que se usou a foto por ordem dos acontecimentos com texto explicativo, retratando uma favela ao longo de uma linha férrea, em que os meninos corriam acompanhado o trem em baixa velocidade, pedindo para os passageiros atirarem 10 pesos. Estes os jogavam na água e os meninos mergulhavam para encontrá-los. Foi então produzido um documentário desta história, observou.

Para Capovilla, em uma Cidade Feliz, colocaria estas crianças na escola, mas o grande momento do cinema é quando revela um povo escondido e que é sempre necessário encontrar uma nova maneira de falar.

Admitiu que o cinema brasileiro está perdendo espaço para o americano, ficando reduzido aos shoppings. Em 1979 existiam 8.500 salas de exibição e hoje “não temos uma”. Disse não saber como retomar a nossa linguagem e que temos o “made in” de lá e não temos o daqui. Comentou um projeto criado em Rio Branco Usina de Arte, e acrescentou que tem em mente um novo projeto de escola de arte para Paraty, aglomerando todas as

linguagens somadas ao cinema, como proposta de Cidade Feliz.

Sintetizou, falando que hoje o novo cinema brasileiro em parte copia velhos espelhos, velhos reflexos, do estilo cinema americano, mas que, por outro lado, uma outra parte, de jovens cineastas não copiam, ousam experimentar novas linguagens, mas lamentavelmente não são exibidos, e o grande público não os vê. Para ele são filmes interessantes, de pesquisa, com temas brasileiros. Em relação ao evento, disse achá-lo interessante e instrutivo, tendo aprendido muito nos debates, um encontro que pode repercutir na cidade. Para ele, Paraty merece um tipo de formação cultural que una as artes e mostre o que as artes de Paraty têm e essa é uma interferência que o cinema pode fazer, como já houve, na década de 90, com a Eco TV, repercutindo a situação da cidade.

Nelton Friedrich (Itaipu



Binacional) Falou da experiência de 10 anos na Bacia do Prata com o Projeto Cultivando Agua Boa (Itaipu Binacional), envolvendo 29 municípios com aproximadamente 1.100 milhões de habitantes, refletindo o olhar de 20, 30 anos à frente de uma empresa cidadã, construindo objetivos estratégicos, já alcançados, mas sempre realizando e sonhando.

Para Friedrich, embora admita ser repetitivo, vivemos uma crise financeira, mas também social, ecológica, de poder, política, cultural, de valores, também crise espiritual de todo um processo civilizatório. O problema não é só a crise do PIB, disse, acrescentando que não pode dar certo uma sociedade em que 225 pessoas tem, por ano, uma renda maior do que 2.6 bilhões de pessoas, sendo preciso uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana para discutir que nação precisamos. A crise é tão profunda, que a extraordinária experiência do Refletir Brasil é importante e fundamental para o aprofundamento do que sabemos, uma vez que participam aqueles que questionam permanentemente os falsos valores.

Questionou como essa sociedade pode dar certo se criou doença do consumismo, do ter, da plástica, do processo de descarte, da transformação mensal dos desejos em necessidade, do comprar o que não se precisa, com o dinheiro que não tem, como instrui 70% da propaganda televisiva. Como construir o novo vivendo mal ou mal v i v e n d o ? L a m e n t o u a 'mcdonaldização' da vida, a monocultura da mente, a estandardização, Mas como enfrentar

isso? Perguntou. Respondendo que: refletindo, reagindo, promovendo a inclusão social produtiva, e no campo brasileiro tem a contribuição da agricultura familiar, que fornece 70% da alimentação que consumimos. Por essa e outras razões, afirmou,

precisamos entender os extremos que vivemos: saindo da miséria, da subnutrição e indo para a obesidade infantil.

Para ele, a humanidade esgotou o seu capital, matando tudo, inclusive a natureza, e que num “slide” da saúde mental, hoje aponta que a grande enfermidade para 2030 será a depressão. No Brasil já são 25 milhões de pessoas afetadas. Para Friedrich, é preciso se concretizar um novo jeito de ser, mais solidário, social, participativo, sentir mais emoções, já que nunca foi mais necessário cuidar do bem viver, o que exige uma nova governança com corresponsabilidade, mais pathos, menos logos, um novo jeito de produzir, de viver, de consumir, sem forçar, compreendendo todas as conexões, refletindo sobre a prática de pensar a nossa prática, onde está a essência de tudo, garantiu, pois se a prática é predatória e não tem vinculação com as suas consequências, cada garfada que se dá tem consequências políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais.

Quando optou pelos orgânicos há 20 anos, o fez por amor, não por dor ou por receita médica, compreendendo a necessidade reconstruir determinados valores abandonados, como a ética do cuidado, do quem ama, cuida, mas que para amar tem que reaprender a amar, amar uma nascente, por exemplo, é compreender a essencialidade da água e a sacralidade dela, e dialogar com a cosmovisão indígena; amar a comida que se come, as relações de vizinhança, compreender o papel da solidariedade entre pessoas e destas com a natureza, complementando a ética da sustentabilidade, analisou. E perguntou: quanto se precisa para o bem viver? Precisa-se de uma nova governança com coparticipação na decisão de metas.

Acrescentou que dentro do Pacto das Águas toda ação envolve as comunidades, numa arquitetura de articulação com os atores locais, somando vontades, constituindo comunidades de aprendizagem, que é a vitalidade do próprio trabalho regional e local. Lamentou a “indústria da doença”, em que quanto mais doentes, mais se ganha dinheiro. Falou ainda da forte estupidez política, sempre usa como escada para segurar o poder o pequeno produtor para justificativa dos seus equívocos, de que usando mata ciliar inviabilizaria a propriedade. Citou ainda os 10 mil e 300 capacitados na área de fitoterápicos, aromáticos e matéria prima para a indústria de cosméticos, naturais e orgânicos, 39 postos de saúde, com os médicos receitando fitoterápicos. Disse gostar da simplicidade feliz, em que é preciso substituir o egológico pelo ecológico, pois viver bem é crença, confiança, esperança, é horizonte.

Concluiu com o poema de Pablo Neruda: “É proibido”. Veja Capa

Sérgio Mileto – comentarista mesa



4, retificou uma informação de que, segundo a BBC, os 85 mais ricos do mundo t ê m u m

patrimônio de US\$ 1,7 trilhões, o que equivale ao patrimônio de 3,5 bilhões de pessoas que sofrem alta carga tributária;

Comentou que a desindustrialização do país se dá quando uma empresa estrangeira compra uma brasileira, esta se torna importadora; que a dominação cultural quebra a espinha dorsal de um povo. Como agregar valores ao que a gente faz? Disse que microempresas são formadas por 90% da população economicamente ativa, tudo é baseado em haveres e fazeres tradicionais para transformar em resultados e que para se ter felicidade tem que olhar quem está caminhando, quem está querendo nos deixar infeliz, unir esforços.

Em relação ao resgate da Feliz Cidade, sintetizou, dizendo que nada pode ser mais feliz do que estar em um grupo de pessoas comprometidas em tornar o mundo cada vez melhor. Então, para ele não se pode resgatar o que não perdeu, disse que é feliz, tem amigos maravilhosos, tem gente comprometida uns com os outros, trabalhando para construir um mundo melhor. Mas, ressaltou que recuperar a felicidade coletiva é um desafio para que as pessoas enxerguem cada um no outro o motivo de ser feliz, não o inferno de Sartre, mas o ‘céu’, a sua felicidade para se concretizar esse resgate.

Domingo 27/04/2014 Encerramento

Domenico de Masi - Nas suas considerações finais, falou da sua satisfação em participar do Refletir Brasil 2014, mesmo à distância, disse que todas as falas apontaram para um novo modelo que ajude a resolver o problema da felicidade urbana. Nesse contexto, comentou que quando vem ao Brasil, sempre viaja de avião do Rio para São Paulo, quando poderia haver uma ferrovia que ligasse os dois maiores grandes centros urbanos do país. Disse que todos se detiveram na liberalização e nas contradições no âmbito das cidades.

Falou ainda que pesquisas apontam o aumento da infelicidade, perguntando-se se as cidades devem resolver seus problemas quantitativamente ou qualitativamente, observando que a opção deve ser pelo lado qualitativo e que cidades só podem resolver problemas se criarmos um novo modelo de ser. Comentou o fato citado na pesquisa apresentada por Oriana White no primeiro dia do evento, em que o item mais pedido foi cultura e que essa deve ser apoderada no cotidiano como forma de religião e projeção da força da identidade, citando os norte-americanos que, após a segunda Guerra Mundial, utilizaram o cinema para difundir sua cultura; salientou que após a queda do muro de Berlim os EUA tornaram uma monarquia absoluta no mundo (fragmentado em outras monarquias: G8, Mercosul, Brics, etc); que o Brasil está muito americanizado, mas que nas suas telenovelas vê a cultura brasileira e não a americana, e isso é interessante.

Depois ressaltou que o mundo está se tornando uma grande cidade, uma cidade global, com todas as suas



contradições e que temos que fazê-la funcionar melhor. Citou Gilberto Freire com a frase “Se dependesse de mim, eu não seria jamais maduro, nem nas ideias, nem no estilo. Seria sempre verde, incompleto, experimental”, para dizer que precisamos ter esse espírito para encontrar a felicidade. Citou Oscar Niemeyer para encerrar sua fala: “O importante não é a arquitetura, mas a vida, os amigos e este mundo injusto que devemos modificar”.

Respondendo às perguntas dos participantes, De Masi reafirmou que o turismo não tem que contar com quantidade, mas com a qualidade dos turistas; disse que o fato de Roma receber 35 milhões de turistas, sendo 10 milhões atraídos pelo Vaticano, não significa que a religiosidade está aumentando, pois o mundo está mais laico; disse que o papa Francisco tem um modelo de vida que outros chefes de estado, como Obama não têm, mas que também suas ações são mais de mídia do que concretas de realizações e mudanças.

Em relação às boas práticas, na pergunta de Nilton Friederich, citou a Venezuela e o sistema de concertos musicais jovens, um modelo de vida feliz no âmbito de uma cidade feliz; citou escolas de Foz do Iguaçu, de Santa Catarina (Bolshoi), projeto Aché, na Bahia, a experiência de Jaime Lerner em Curitiba, sugerindo que o próximo Refletir Brasil traga esses criadores para o debate em Paraty. Disse ainda que a felicidade tem de ser ampla, pois não pode haver cidade feliz em um estado infeliz; que a autoestima é fundamental para um povo; que o Brasil tem grandes sociólogos, que contribuíram para o fortalecimento da identidade do brasileiro escrevendo sobre a singularidade do Brasil com a mistura de índios, africanos, europeus, etc e que deve-se fazer um movimento a favor da conscientização dessa identidade.

Em relação a Paraty, respondeu que “é obrigatório” ser feliz em Paraty, que reúne todas as condições para isso. E que, como Ravello, os moradores precisam tomar consciência de como podem ser felizes; que lá era um lugar com grandes índices de violência, mas o turismo reverteu esse processo. Ele acredita que os constantes eventos na cidade podem ajudar a baixar a violência, mas que é necessário o envolvimento dos moradores com estes, pois com o crescimento cultural, cresce a felicidade.

A respeito do “empoderamento” dos espaços públicos, comentou que isso só é possível com os movimentos sociais; que o maior problema do mundo é a redistribuição da riqueza, do poder, das oportunidades, das tutelas, que a ausência desta aumenta vertiginosamente as distâncias sociais, que é preciso lutar para reverter isso; que

precisamos projetar o futuro, para que outros não o façam e sejam contra nós; que é preciso elaborar um modelo de felicidade, planejando as etapas para essa conquista.

Caminhos apontados

Tolerância e respeito, planejamento consistente, considerando três níveis de poder, com foco na municipalidade, com capacitação técnica eficaz dos 'servidores', fomentar com meios e metodologias coerentes com a educação formal e informal; proporcionar maneiras de se refletir, criando uma cultura de reflexão, através de ações pontuais, mensais, trimestrais, para dar continuidade a esse processo, objetivando à transformação do comportamento, da produção e do consumo. Fazer rupturas com felicidade e responsabilidade, fomentando o protagonismo da participação popular, estimulando o conceito comunitário, não aceitando a obsolescência da tecnologia, acelerando a derrocada de velhos paradigmas e apressando a eclosão do novo, investigando corruptores, ocupando espaços públicos com a convivência, a cultura e a segurança, conquistando, com isso, a cidadania individual e a coletiva, democratizando com ação direta. Entre outros, foram caminhos apontados pelos participantes do Refletir Brasil 2014 Bem Viver, o Resgate da Feliz Cidade, no encerramento do evento.

José Domingos Vasconcelos.



coordenador evento RB, Fazendo uma retrospectiva rápida, em comparação com 2013, tivemos

alguns avanços com relação à participação das pessoas, afinou melhor a metodologia, de forma que os participantes foram mais presentes, deram mais suas opiniões. Isso parece só uma questão técnica de organização, mas é muito importante nos resultados, porque pode melhorar muito mais a sua qualidade, dá muito mais representatividade para o documento final que vamos fazer. E, em termos de qualidade da reflexão, também a metodologia acaba refletindo nessa melhoria de qualidade. Eu não tenho nenhuma ilusão de que as coisas se resolvam magicamente, mas aperfeiçoar e disseminar cada vez mais momentos como este, como também foram as apreciações finais que caminharam nesse sentido, estaremos cumprindo o objetivo que nosso grupo tem de produzir momentos de reflexão sobre o Brasil.

Resultados do Refletir Brasil 2014 Por uma Feliz Cidade

Com os objetivos de colocar em discussão os temas apresentados nos diferentes canteiros, construir o manifesto 2014 e pauta para a temática de 2015:

Canteiro 1 – Governo

Grupo 1- Mais poder ao município; Melhorar a formação das equipes técnicas; Aumentar a participação dos indivíduos na definição de políticas públicas; Implantar políticas de forma efetiva; Diminuir a influência de oligopólios; Alinhar as políticas com o objetivo de melhorar a vida dos cidadãos. Grupo 2 - Equilíbrio; participação como fruto de planejamento; formar e informar; gerar participação / força de pressão com base na opinião de quem domina conhecimento significativo;

Grupo 3 - Cidades perderam a força dos movimentos sociais; Jovens buscam mudanças planificação, mas não sabem como; Autoridades sem força para isso. Pontos importantes: Longo prazo = educação; Curto = seguir lutando; Mobilizar a população com campanhas midiáticas; integrar para a planificação. Grupo 4 - O indivíduo no centro e foco econômico de lado; Fortalecer as dimensões: cultural, ambiental, social e econômica; Pontos importantes: Educação; Cuidado; Reforma política; Mobilização para o interesse da maioria; Grupo 5 - Coletividade; convivência criativa; Bem estar = acesso aos bens públicos; Como falar de felicidade em uma cidade psicótica?; Utilizar instrumentos políticos de participação; Estabelecer sintonia fina entre o conhecimento técnico e o que quer o povo; Alimentar SONHOS para uma cidade feliz.

Canteiro 2 – Sociedade

Grupo 1- Consulta permanente às crianças, adolescentes e idosos; Participação democrática direta e também através da tecnologia - internet – petições online; Chamar as pessoas para a participação, empoderá-las para participar da política. Grupo 2- Convivência entre gerações; recriação do velho para o novo, reintegrar o antigo no novo; Ruptura - revolucionário, evolucionário ou desenvolvimento?; Educação e ética é uma revolução; Continuidade e não desarticulação / co-responsabilidade. Agenda comum entre cidadão e lideranças; Adultos - proporcionar a participação dos jovens, vir da educação de base, sensibilizar na escola (políticos na escola). Grupo 3- Governança - poder - administrativo - boa gestão das

cidades - governança; Gestão participativa; Conseguir conselhos fortes, ativos, participativos; Através da educação (da creche à universidade) - formação de tomadores de decisão - empoderamento. Grupo 4- Governança com a participação popular e o controle social; Novo sistema político através da reforma nas candidaturas; Comunidade, se sentir-se afetada, envolver-se na participação e também no veto.

Canteiro 3 – Empresas

Grupo 1- Resgate da convivência, praças; desconectar-se das mídias e tecnologias; Oferecer maneira diferente de brincar, bola, contando histórias; Contato pessoal, visual; Encontro com a sociedade para falar da feliz cidade; Desmistificar o poder da marca. Grupo 2- Relação direta entre consumidor e produtor; Economia solidária, local; Incentivar esporte, cultura local, jogos ao vivo, mutirões culturais, mudança cultural; Lazer diferente; Fortalecer a autoestima; Não deixar os filhos muito tempo sozinhos, em casa sem ter o que fazer. Grupo 3- Incentivar a cultura fora do consumo; Consumo do imaterial, cultura; Estabelecer educação informal e difusa; Combater mídia que incentiva consumismo; Cidadania nas atitudes cotidianas; Usar mídia e redes sociais para gerar atitudes coletivas; Divulgar melhor o Código de Defesa do Consumidor; Criar agência de regulamentação sobre o panorama audiovisual; Quebrar relação entre a posição na escala social e o nível de consumo; Reformar sistema educacional.

Grupo 4- Sair da cultura consumista; Fazer frente à obsolescência programada; Consumo responsável, não apenas consciente; Estabelecer consumo local - produção local, facilitando o escoamento para o centro consumidor; desburocratizar os produtos certificados, marcos legais/sanitários; criar políticas públicas para isso; Uso compartilhado de produtos e serviços; Taxar o 2º carro, - imposto progressivo sobre imóvel que não tem uso efetivo; Combater a mídia que incentiva o consumismo, especialmente a publicidade dirigida às crianças; Fazer pressão popular; Coletivização dos Resultados, Intervenção Inspiradora e Debate Aberto.

Pesquisa e manifesto do Refletir Brasil 2014 serão apresentados em agosto no Curto Circuito OFFFLIP -ANO 10

www.refletirbrasil.com



BEM VIVER
O RESGATE DA
FELIZ CIDADE

www.refletirbrasil.com